



CONECTADOS PARA APRENDER

Escolas brasileiras começam a usar as redes sociais da internet em prol do ensino — e está funcionando

O RESUMO DO RESUMO

O professor Tiago Calles, do Colégio Hugo Sarmiento: gincana no Twitter

BRUNO MEIER

Mais de 5 milhões de estudantes brasileiros já pertencem a uma rede social na internet, como o Facebook ou o Twitter. A novidade é que, agora, parte deles começa a freqüentar esses círculos virtuais estimulados pela própria escola — e com fins educativos. Alguns colégios, a maioria particular, fazem uso simples de tais redes, colocando ali informações como calendário de aulas e avisos. Muitas vezes, incluem ainda exercícios e o conteúdo das aulas, recurso que vem se prestando a aproximar os pais da vida escolar. O maior avanço proporcionado por esses sites, no entanto, se deve à possibilidade que eles abrem para o aprendizado em rede — o que já acontece há mais tempo, e com sucesso, em países como Japão e Inglaterra. No espaço virtual, os alunos debatem, sob a supervisão de um professor, temas apresentados na sala de aula e ainda, de casa, podem tirar dúvidas sobre a lição. O Twitter está sendo também adotado nas escolas por uma de suas particularidades: como nenhum texto ali pode ultrapassar 140 caracte-

PODER DE SÍNTESE

Grandes personagens da história não teriam dificuldade em exprimir suas ideias em 140 caracteres — o limite imposto pelo Twitter. Alguns exemplos:

■ *“O tolo pensa que é sábio, mas o homem sábio sabe que ele próprio é um tolo.”*

William Shakespeare (escritor inglês, 1564-1616)

■ *“Originalidade nada mais é que uma imitação sensata.”*

Voltaire (filósofo francês, 1694-1778)

■ *“O intelecto é invisível para aqueles que não o possuem.”*

Arthur Schopenhauer (filósofo alemão, 1788-1860)

■ *“Nós matamos o tempo, mas ele enterra-nos.”*

Machado de Assis (escritor brasileiro, 1839-1908)

■ *“Senso comum é um conjunto de preconceitos adquiridos por alguém aos 18 anos de idade.”*

Albert Einstein (cientista alemão, 1879-1955)

res, os alunos são desafiados a exprimir idéias com concisão — habilidade revelada por grandes gênios da história (veja o quadro ao lado) e tão requerida nos tempos modernos. A experiência tem funcionado no Colégio Hugo Sarmiento, de São Paulo, onde os estudantes se lançam em animadas gincanas das quais saem campeões aqueles com o maior poder de síntese. Conclui o professor de português Tiago Calles: “As redes fazem parte da vida deles. Não M como a escola ignorá-las”.

Esse já é um consenso. O que se discute é como fazer uso seguro — e produtivo — das redes. Entre os sites de relacionamento, o Twitter agrada às escolas justamente por preservar, ao menos em parte, a privacidade dos alunos: é preciso nome de usuário e senha para tomar parte dos encontros on-line promovidos pelo colégio. Todo o conteúdo que resulta daí, porém, fica disponível na internet e qualquer um pode ver. Preocupadas com isso, muitas escolas preferem criar redes próprias, que funcionam como uma intranet. “Evitamos assim a exposição dos alunos e temos condições de nos responsabilizar pelo que acontece na rede”, explica Eduardo Monteiro, coordenador no Colégio San-

Foto

to Inácio, do Rio de Janeiro, onde há um ano os alunos participam de debates virtuais que abarcam todas as disciplinas. Outro perigo do ambiente virtual, este de ordem pedagógica, diz respeito ao tipo de linguagem que os alunos tendem a usar na rede, bem distante da norma culta. Não é fácil estimulá-los a empregar o bom português nesse contexto. Avalia Adilson Garcia, diretor do Colégio Vértice, em São Paulo: "Em atividades on-line, damos o exemplo aos estudantes, respeitando a pontuação e fugindo do coloquial — mas eles costumam escrever muito mal".

De todos os desafios, no entanto, talvez o mais difícil seja tornar o ensino em rede algo realmente eficaz. Nos Estados Unidos, por exemplo, algumas escolas que haviam aderido à modalidade se viram forçadas a voltar atrás. Quando os exercícios ocorriam nos domínios do colégio, verificou-se que os estudantes tinham o hábito de engatar em chats e navegar por sites de fast-food enquanto a aula virtual se desenrolava — um fiasco. Com base na experiência internacio-

nal, já se sabe um pouco do que funciona nesse campo. A mais bem-sucedida de todas as medidas tem sido colocar as crianças para compartilhar projetos de pesquisa em "rede, reproduzindo assim (ainda que em escala bem menor) o que se vê nos melhores centros de pesquisa do mundo. Depois que o Colégio São Bento, no Rio de Janeiro, passou a adotar o sistema (numa rede própria), alunos como Mateus Reis, 12 anos, e seus colegas ganharam novo entusiasmo: "De casa, todo mundo fica trocando informações pelo site e vai fazendo a sua parte do projeto, até juntarmos tudo. É uma diversão". O interesse despertado por esse tipo de exercício ajuda a explicar por que, com um computador em casa, as crianças dedicam cerca de 30% mais tempo aos estudos, segundo mostra uma pesquisa da OCDE (organização internacional que reúne os países ricos). Está provado também que a rede prove bons incentivos à rapidez de raciocínio, ao trabalho em equipe e à capacidade de expor idéias em público, mesmo que a distância.

O Brasil está começando a adotar as redes virtuais no ensino com pelo menos cinco anos de atraso em relação a países da OCDE. O conjunto de experiências brasileiras, até agora, parece apontar para a direção certa — mas requer avanços. "É preciso integrar melhor o uso das redes ao currículo escolar. Sem isso, os efeitos serão modestos ou nulos", pondera José Armando Valente, do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Unicamp. Para executar tarefa de tamanha complexidade, antes de tudo é necessário que as escolas disponham de uma equipe de professores bem treinados, artigo raríssimo num país que acumula tantas deficiências nesse setor. Por completa inexperiência, muitos deixam os computadores acumulando pó e, quando fazem uso deles em sala de aula, é para dar burocráticas lições de informática. Há, portanto, um gigantesco caminho a percorrer — e isso deve ser feito logo. Resume Cláudio de Moura Castro, articulista de VEJA e especialista em educação: "O ensino em rede é um avanço necessário".